

A EXPRESSÃO DE RESULTADO DO CONECTOR *DAÍ QUE*: MUDANÇA LINGUÍSTICA EM PERSPECTIVA FUNCIONAL CENTRADA NO USO

LA EXPRESIÓN DE RESULTADO DEL CONECTOR *DAÍ QUE*: CAMBIO LINGÜÍSTICO EN
PERSPECTIVA FUNCIONAL CENTRADA EN EL USO

RESULT EXPRESSION OF THE CONECTOR *DAÍ QUE*: LINGUISTIC CHANGE IN USAGE-BASED
FUNCTIONAL PERSPECTIVE

Ana Beatriz Arena*

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Ana Cláudia Machado Teixeira**

Universidade Federal Fluminense

RESUMO: Neste artigo, voltamo-nos para a análise da mudança linguística de *daí que* no português, tomando-o como um novo signo linguístico, ou seja, como um pareamento específico de sentido e forma, uma microconstrução. Integrada simbolicamente em suas subpartes, essa microconstrução passa a constituir um novo elemento da classe dos conectores da gramática do português. O estudo desse conector integra uma pesquisa maior, em andamento, que investiga a rede construcional Resultado_{Connect}, analisando diferentes formas de conexão, nos níveis intra, inter e supraoracional por meio de distintos conectores que articulam a expressão de resultado no português. Utilizamos os pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso, incorporando o levantamento das frequências *type* e *token* (BYBEE, 2003) como auxiliares no reconhecimento da produtividade do *daí que* e dos padrões de uso determinantes na sua fixação como conector lógico-argumentativo na expressão de resultado. Compõem o *corpus* textos escritos dos períodos arcaico, moderno e contemporâneo da língua portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: Conector lógico-argumentativo. Construcionalização. *Daí que*. Linguística funcional centrada no uso. Mudança linguística.

* Doutora em Estudos de Linguagem (Universidade Federal Fluminense, 2015). Professora adjunta da Faculdade de Formação de Professores da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (FFP/UERJ). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações (CCO/UFF). E-mail: bia.arena@gmail.com.

** Doutora em Estudos de Linguagem (2015) pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora adjunta de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (GLC) da UFF. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações (CCO/UFF). E-mail: anaclaudiamachadoteixeira@id.uff.br.

RESUMEN: En este artículo, pasamos al análisis del cambio lingüístico del "daí que" en portugués, tomándolo como un nuevo signo lingüístico, es decir, como un par específico de significado y forma, una microconstrucción. Simbólicamente integrado en sus subpartes, se convierte en un nuevo elemento de la clase de conectores de la gramática portuguesa. Este estudio es parte de una investigación más amplia en curso que investiga la red de construcción "ResultConect", analizando diferentes formas de conexión, a nivel intra, inter y supraoracional a través de diferentes conectores que articulan la expresión de resultados en portugués. Utilizamos los supuestos teóricos de la Lingüística Funcional Centrada en el Uso, incorporando el relevamiento del tipo y las frecuencias de token (BYBEE, 2003) como ayudas en el reconocimiento de la productividad de "daí que" y de los patrones de uso determinantes en su fijación como conector de terminación. El corpus está compuesto por textos escritos de los períodos arcaico, moderno y contemporáneo de la lengua portuguesa.

PALABRAS CLAVE: Conector conclusyente. Construcción. Daí que. Lingüística funcional centrada en el uso. Cambio lingüístico.

ABSTRACT: In this article, we focus on the linguistic change of *daí que* into a connector in Portuguese, taking it as a new linguistic sign, that is, as a specific pairing of meaning and form, a micro-construction. Its subparts are symbolically linked, and *daí que* emerges as a new element of the Portuguese grammar's connector class. This study is part of a larger research in progress that investigates the construction of the network ResultConect, analyzing different forms of connection in different sentences levels by means of a group of connectors that articulate the expression of result in Portuguese. We assume Usage-Based Functional Linguistics theory, considering as well studies of *type* and *token* frequencies (BYBEE, 2003) as auxiliary resources in the recognition of the productivity of *daí que* and its usage patterns as a conclusion connector. The *corpus* is formed by written texts from the archaic, modern and contemporary periods of Portuguese language.

KEYWORDS: Conclusive connector. Constructionalization. Daí que. Usage-Based Functional Linguistic. Linguistic change.

1 INTRODUÇÃO

São vários os estudos versando sobre as questões linguísticas que envolvem a formação de conectores, atuando na integração de cláusulas, sendo estes recorrentemente investigados por diferentes vertentes do funcionalismo linguístico, por exemplo. Dentre esses estudos, destacamos Arena (2007), Amorim, (2012), Oliveira e Arena (2013), Marques e Pezatti (2015), Santos (2017), Arena e Oliveira (2019), Oliveira (2019) que já se debruçaram sobre o tema, analisando elementos que se destacam por sua multifuncionalidade e polissemia, assumindo o valor sintático, semântico e pragmático de conector ou operador argumentativo de conclusão.

No presente artigo, o foco de investigação é o conector *daí que*, uma inovação linguística bastante recente, da qual só se tem registro, atuando como conector de conclusão, em textos escritos a partir do século XX. Esse elemento faz parte de uma rede maior de elementos ligados entre si na articulação da expressão de resultado, atuando como conectores. Tal rede é alvo de uma pesquisa maior em andamento que investiga a rede construcional Resultado_{Conectv}, analisando diferentes formas de conexão, nos níveis intra, inter e supraoracional por meio de distintos elementos linguísticos de conexão. Trata-se de conectores ou *microconstruções*, a partir da perspectiva da LFCU, como *então*, *portanto*, *logo*, *por isso*, *daí que*, *de modo que* entre outras.

Esses elementos linguísticos de conexão/articulação textual passaram por mudança linguística de forma gradual, em contextos linguísticos igualmente em processo de mudança, figurando em sequências tipológicas e gêneros textuais nos quais se expressam relações de causalidade (causa-consequência). Tais sequências e gêneros acabam exercendo pressões contextuais para que, em micropassos, novas análises ou reanálises desses elementos sejam feitas, levando ao desenvolvimento de novos signos linguísticos.

Ressaltando que se trata de investigação ainda em curso e todos os resultados apresentados são parciais, a hipótese central é que a expressão *daí que* vem percorrendo uma trajetória de construcionalização¹. É possível que, por meio de perspectiva pancrônica, a origem do *daí que* seja reconhecida, analisando-se desde os primeiros contextos linguísticos – atípico e crítico (DIEWALD, 2006) –

¹ Por ora, esclarecemos que este termo define um tipo de mudança linguística efetivada por meio alterações no grau de esquematicidade, composicionalidade e produtividade dos elementos que de menos cristalizados passam a mais cristalizados, atuando como um único signo linguístico.

que propiciaram seu surgimento, seu processo de gramaticalização, até o seu uso sincrônico como conector lógico-argumentativo em contexto de isolamento (DIEWALD, 2006). A verificação dessa hipótese requer que os objetivos contemplem, metodologicamente, duas dimensões: diacrônica e sincrônica. Por meio da dimensão diacrônica, objetiva-se: a) testar o papel da teoria da inferência sugerida, do mecanismo da metonímia, dos processos de (inter)subjetivação (TRAUGOTT, 2010b) na mudança construcional do *daí que*; b) levantar os possíveis padrões semânticos, pragmáticos e sintáticos desses ambientes de transição; c) analisar as diferentes instanciações de cada uma das construções reconhecidas como possíveis participantes na gênese do operador *daí que*, a fim de determinar qual(is), de fato, constitui(em) o(s) contexto(s) crítico(s), indicativo de que uma mudança estava prestes a ocorrer. Por meio da dimensão sincrônica, os objetivos são os seguintes: a) testar o modelo de construção de Croft (2001) e processos de construcionalização (TROUGOTT; TROUSDALE, 2013): pareamento forma-sentido do *daí que*; b) fazer levantamento das frequências *type* e *token* (BYBEE, 2003) da expressão, a fim de verificar sua produtividade e reconhecer padrões de uso determinantes na sua fixação como conector; c) verificar se há gêneros textuais e/ou sequências tipológicas que se constituem como *loci* preferenciais da expressão *daí que*, ou se essa expressão ainda não apresenta tal restrição. Os objetivos aqui referidos são o foco da pesquisa de toda a rede construcional de articuladores textuais que vêm se constituindo como elementos veiculadores da expressão de resultado, atuando como conectores, como o *daí que*.

Este artigo está organizado em quatro seções. Na primeira, “A trajetória de formação e padrões de uso do *daí que*”, são apresentados os elementos formadores do conector e as motivações semânticas e pragmáticas que atuam em seus diferentes padrões de uso. Na segunda, “A Linguística Funcional Centrada no Uso”, traçam-se, em linhas gerais, os pressupostos teóricos que ancoram este trabalho. Na terceira, “Construcionalização do conector *daí que* na expressão de resultado”, são apresentadas análises de alguns dados, sendo possível verificar a trajetória que o conector vem percorrendo ao longo de sua construcionalização, bem como os contextos em que ocorre com mais frequência. Na última seção, são apresentadas as “Considerações finais”.

2 A TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO E PADRÕES DE USO DO DAÍ QUE

A partir do levantamento realizado até o estágio atual da pesquisa, há possivelmente predominância de *daí que* na modalidade falada do português brasileiro, tendo também ocorrido em textos escritos do século XX e início do XXI. Como não foram encontrados registros em sincronias anteriores a estas nos dados analisados até o presente momento, há indícios de que se trate de uma inovação linguística que esteja se firmando no português escrito no Brasil há poucas décadas. O exemplo a seguir ilustra o uso de *daí que* como conector lógico-argumentativo:

(1) Portanto, houve a necessidade de conhecer mais e melhor o intelectual negro brasileiro, em especial quanto a sua formação profissional. Entendemos que a educação passa pela formação dos processos que interferem na existência do cidadão enquanto ser social e político, **daí que**² o interesse em dar continuidade ao trabalho intelectual, ao aprimoramento pessoal foram as razões que nos conduziram ao doutorado em educação, por considerá-lo o locus privilegiado para questionamentos acerca de saberes profissionais. (*O romper do silêncio: história e memória na trajetória escolar e profissional dos docentes afrodescendentes das universidades públicas do estado de São Paulo*. Tese de doutoramento, Maria Solange Pereira Ribeiro, s/d)

Por motivações pragmático-discursivas e sintático-semânticas, o conector *daí que* apresenta, em sua formação, três elementos que, conforme a tradição gramatical, classificam-se morfologicamente como preposição “de”, advérbio locativo “ai” e conjunção integrante/pronome relativo “que”. Desse trio, cabem algumas observações preliminares.

No que se refere à preposição “de”, trata-se de elemento etimologicamente, vinculado à semântica de movimento a partir de um ponto de origem; nos usos mais lexicais, esse movimento pode ser a partir de um ponto físico, enquanto, nos contextos mais abstratos, essa origem pode ser entendida como causa. Trata-se de semântica muito importante para as hipóteses que levantamos a respeito do conector *daí que*, o qual, possivelmente, inscreve-se em relações de causalidade, na expressão de resultado, consequência.

² A título de destaque da expressão *daí que* nos exemplos, optamos por utilizá-la em negrito, ação que se repetirá ao longo deste trabalho.

A partir da perspectiva da LFCU, a preposição “de” já se encontra desbotada semanticamente em razão de seu uso generalizado em diferentes contextos, mas ainda atuante em sua função de ligação de elementos linguísticos. No caso da expressão “daí que”, observamos que a preposição se liga ao advérbio locativo “aí” numa espécie de reforço semântico-pragmático para corroborar o movimento anafórico na medida em que auxilia na indicação da “origem” (causa) da informação que se pretende conectar com a conclusão (resultado) que vem na sequência.

Quanto ao “aí”, o foco recai no seu uso metaforizado, como recuperador de porções do texto, em função textual anafórica, ou como um articulador de partes do texto, em função gramatical. Sintaticamente, tem função argumental, complementando os verbos da oração matriz. Mesmo os dados coletados em textos mais antigos apontam para a confirmação do que Braga e Paiva (2012) e Souza (2012) demonstram em seus estudos: trata-se de um elemento polissêmico e multifuncional, ora em função textual anafórica, ora em função juntora intraoracional ou interoracional, estando, portanto, em processo de gramaticalização como conector. Diante disso, o “aí” torna-se o elemento-chave do trio que, no português contemporâneo, forma o *daí que*, um todo construcional de valor conclusivo.

Em relação ao “que”, a dupla possibilidade de classificação, como conjunção integrante ou pronome relativo, deve-se às duas estruturas linguísticas flagradas nos textos coletados para a formação do *corpus* deste trabalho: uma que tem como base oração complexa, formada por oração matriz (OM) e oração encaixada (OE), as quais podem, ou não, fazer parte de uma estrutura frásica maior; outra cuja base é uma estrutura clivada, formada por verbo copulativo “ser” e sentença relativa. Supostamente, ambas as estruturas são favorecedoras do surgimento do conector *daí que*. Neste artigo, somente os casos verificados em estruturas oracionais complexas estão sob análise.

Em função de a pesquisa compreender também estágios mais antigos da língua portuguesa, nos dados encontrados para o *daí que*, os usos metaforizados dos elementos “de” e “aí” aparecem codificados de três maneiras: pela forma contraída “daí”, a mais recente; pelo seu estágio anterior “d’ aí”, provavelmente intermediário; ou por formas mais antigas ainda, em que cada elemento mantinha preservadas todas as suas propriedades gramaticais, como na locução prepositiva “de aí”³. Por seu turno, o “que” mantém-se em sua forma já gramaticalizada de conjunção integrante, em conformidade com a nomenclatura encontrada nos manuais da tradição gramatical.

Os exemplos de (2) a (5) ilustram a ocorrência dos elementos constituintes do *daí que* conector em estruturas oracionais complexas.

(2) (...) e assim o escrevi a S. M, quando ainda de Paris lhe falei sobre as cauções, mas temos por certo que não há-de bater por aí a maior dificuldade. Não sei em que S. M se pudesse conformar com o que escrevi a V. Ex.a, se **de aí** se infere **que** V. Ex. a não há-de jazer tratado, principalmente que o estado a que V. Ex. a o reduziu ultimamente é de muito diferente condição que as passadas. (Cartas, Padre Antonio Vieira, século XVII)

(3) Verdadeiramente aqueles a quem se dá, não parece que se lhes dá por prêmio, senão por castigo. Ser no mundo mais ditoso, não é ser mais ditoso, é padecer mais tempo a ocasião de ser mofino. Quicá vem **de aí que** ordinariamente os grandes são mais gloriosos; porque os grandes soem ser de ordinário os a quem se prepara maior penalidade. (Cartas Familiares, Francisco Manuel de Melo, século XVII)

(4) Que os três quadros estão acabados com muita arte, sobretudo o primeiro, é coisa que a crítica imparcial deve reconhecer; mas por que avolumar tais acessórios até o ponto de abafar o principal? Talvez estes reparos sejam menos atendíveis, desde que o nosso ponto de vista é diferente. O Sr. Eça de Queirós não quer ser realista mitigado, mas intenso e completo; e **daí vem que** o tom carregado das tintas, que nos assusta, para ele é simplesmente o tom próprio. (*Obra completa* de Machado de Assis, século XIX).

(5) (...) e a explicação do ato desse servente ou guarda pode ser mostrada na frase de um que, admitido hoje, se despediu amanhã, " porque não queria ser criado de maluco ", ou de um outro, também brasileiro, que, estando

³ A fim de padronizar, usamos no texto a grafia contemporânea do “aí”.

na sala de banho, não conhecendo um interno que estava presente, desandou uma descompostura do mais baixo calão num doente, porque este não ouvira uma " ordem " dele para lhe trazer o sabão, e, por não a ter ouvido, não a atendera. Não se infira **daí que** todos os brasileiros são assim. (*O Cemitério dos Vivos*, Lima Barreto, século XX)

Enquanto no exemplo (1) o *daí que*, em uso inovador como conector lógico-argumentativo, parecia forma e significado em um bloco estrutural, como um novo signo, um novo elemento linguístico de conexão, os exemplos de (2) a (5) instanciam quatro possibilidades diferentes de distribuição dos elementos formadores do conector nas estruturas oracionais a que pertencem. Essas instanciações sugerem estágios de mudança linguística rumo a um uso muito mais integrado como o do exemplo (1).

I- locução prepositiva “de aí” anteposta ao verbo + conjunção integrante “que”: “*se de aí se infere que V. Ex. a não há-de fazer tratado*”

II- locução prepositiva “de aí” posposta ao verbo + conjunção integrante “que”: “*Quiçá vem de aí que ordinariamente os grandes são mais gloriosos*”

III- forma contraída “daí” anteposta ao verbo + conjunção integrante “que”:

“*(...) mas intenso e completo; e daí vem que o tom carregado das tintas (...)*”

IV- forma contraída “daí” posposta ao verbo + conjunção integrante “que”:

“*Não se infira daí que todos os brasileiros sejam assim*”

Segundo as nossas análises, essa variação na distribuição do “aí”, contraído ou não com a preposição “de”, deve-se à persistência (HOPPER, 1991) de um dos traços adverbiais do locativo, a mobilidade, fundamental para a formação do conector *daí que*. O uso da forma contraída “daí”, nas estruturas III e IV, indica um estágio mais avançado no processo de gramaticalização do dêitico, de modo que ambos os elementos passam a formar um único signo, constituindo um bloco estrutural, pareando forma e significado. Esse uso acumula a função anafórica com a de complemento verbal, o que nos leva a postular que tal acumulação decorra da multifuncionalidade e polissemia do “aí”.

Damos destaque à colocação da locução “de aí” ou da forma contraída “daí” nas sentenças, em virtude de uma movimentação de grande importância para este estudo: comparando-se as estruturas I e III com II e IV, verifica-se que “daí” deixa de anteceder o verbo e passa a anteceder o “que”. Essa mudança de posição pode ser indicativa de que pressões contextuais estão atuando, gerando um novo contexto de uso para os elementos constituintes do conector *daí que*: o contexto crítico, como em II e IV.

Segundo Traugott (comunicação pessoal, 2012), contexto crítico é um novo contexto que não altera as propriedades estruturais de um elemento, contudo, por envolver a estrutura sintática dos elementos, o que geralmente só acontece quando o elemento já está no estágio final de mudança, esse tipo de contexto pode ser considerado um passo na direção do uso mais novo. Ao mesmo tempo em que o contexto crítico difere daquele que o precede, o atípico, em que não há mudanças estruturais, é mais próximo daquele que o sucede, o de isolamento, em que o uso inovador se apresenta, isto é, aquele em que o *daí que* é empregado como conector, atuando como um pareamento de forma (propriedades estruturais) e significado.

Nossos dados indicam que o surgimento de um novo contexto não implica o desaparecimento de outro, podendo ambos coexistir por séculos, confirmando o princípio da estratificação (*layering*) de Hopper (1991), segundo o qual novas formas, no caso contextos, estão constantemente emergindo, mas isto não significa que as formas antigas desaparecem; elas coexistem com as emergentes.

3 A LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO

A sustentação teórica deste trabalho é a Linguística Funcional Centrada no Uso, doravante também LFCU, que assume como elementos cruciais para o processo de gramaticalização de construções, ou seja, o processo de mudança linguística que permite o desenvolvimento de elementos mais procedurais da gramática, as relações metonímicas, as pressões de informatividade, as (inter)subjetivações codificadas linguisticamente. A LFCU compreende a gramática como “representação cognitiva da experiência dos indivíduos com a linguagem” (FURTADO DA CUNHA, 2012), abrangendo, por isso, alguns pressupostos cognitivistas para o

tratamento das questões pertinentes ao processo cognitivo que envolve as ações mentais, como, por exemplo, concluir, deduzir, inferir.

Essa associação “cognitivo-funcional” (FURTADO DA CUNHA, 2012) tem rendido frutíferos diálogos entre linguistas alinhados com as duas correntes. William Croft, de orientação cognitivista, desenvolve, em sua *Radical Construction Grammar* (CROFT, 2001), uma teoria sobre sintaxe, isto é, uma teoria que caracteriza as estruturas gramaticais supostamente representadas na mente do falante (CROFT, 2001, p. 3). O autor destaca que as construções são as unidades básicas de representação sintática, e as categorias são derivadas da(s) construção(ões) em que aparecem (CROFT, 2001, p. 4). Em sua obra, Croft (2001, p. 18) desenvolve um modelo de análise de construções de forma contextualizada, pareando forma (propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas) e sentido (propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais). Os elementos sintáticos primitivos não são considerados atomicamente.

Na LFCU, a linguagem é compreendida a partir de um modelo construcional cuja unidade convencional simbólica básica da língua é a construção, concebida como um pareamento de forma e sentido (CROFT, 2001). A linguagem, portanto, é constituída de um sistema de signos que, como pareamentos, compreendem desde morfemas a cláusulas complexas. A ideia de unidade, convenção e simbolismo, neste caso, tem papel importante na definição, uma vez que a linguagem é conceptualizada como uma rede de construções que se inter-relacionam. Segundo Traugott e Trousdale (2013, p. 1), as construções são convencionais porque “são compartilhadas entre um grupo de falantes”, são simbólicas porque são entendidas como signos, “associações tipicamente arbitrárias de forma e significado”, e são unidades uma vez que “algum aspecto do signo é tão idiossincrático (GOLDBERG, 1995) ou tão frequente (GOLDBERG, 2006) que o signo é entrincheirado como um pareamento (...) na mente do usuário da língua”.

Aprofundando o diálogo cognitivo-funcional, Traugott (2008a) lembra que nem sempre é claro que “construção” significa muito mais do que “cadeia sintática” ou “cadeia em um contexto morfossintático” (TRAUGOTT, 2008a, p. 221). Segundo a autora, há multicamadas na gramaticalização, a qual envolve várias mudanças correlacionadas, destacando os ambientes pragmáticos e semânticos para a mudança morfossintática (TRAUGOTT, 2008a, p. 222). A comprovação de que não só o diálogo cognitivo-funcional está aberto, como também há interação entre as duas correntes, é o fato de Traugott (2008a, p. 224), além de defender o modelo de Croft (2001), testá-lo no seu estudo sobre o desenvolvimento dos modificadores de grau em inglês (2008a).

Segundo Traugott e Trousdale (2013), construcionalização é um tipo de mudança linguística em que, por meio de novas combinações entre os elementos de uma determinada expressão linguística, novos signos são criados, em função de passarem por uma sequência de micropassos, ao longo dos quais esses elementos sofrem reanálises, ou novas análises, de forma e significado. Nas palavras dos autores:

Constructionalization is the creation of form (new)-meaning (new) (combinations of) signs. It forms new type nodes, which have new syntax or morphology and new coded meaning, in the linguistic network of a population of speakers. It is accompanied by changes in degree of schematicity, productivity and compositionality. The constructionalization of schemas always results from a succession of microsteps [...] (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 22)

Dessa forma, o caminho de mudança linguística de elementos menos cristalizados para mais cristalizados configura o processo de construcionalização, cujas mudanças são analisadas por meio de alterações nos graus de esquematicidade, produtividade (verificação da frequência de ocorrência – *token* – e de tipo – *type*) e grau de composicionalidade. Essas alterações são examinadas através de: i) aumento de produtividade, verificando se há aumento dos elementos que podem aparecer numa das posições da construção, ou seja, se há aumento da frequência de tipos de elementos (*type*); ii) aumento de esquematicidade, verificando se a construção passa a ser mais abstrata à medida que as restrições de seleção desses elementos diminuem e iii) diminuição de composicionalidade, verificando se a soma das partes da construção não leva ao seu significado; em outras palavras, se a relação significado e significante fica cada vez mais opaca. A análise desses três fatores está relacionada à análise dos contextos em que os conectores atuam, portanto se trata da investigação de inferências, ambiguidades, como “pressões” de informatividade que podem levar a reanálises semântico-pragmáticas e sintáticas.

Também em franco diálogo com a perspectiva cognitivista, Bybee (2010, p. 12), defendendo que os processos cognitivos de domínio geral aplicam-se ao uso linguístico, investiga como a frequência afeta a estrutura. Em trabalho sobre o papel da frequência como um dos mecanismos da mudança linguística, a autora (BYBEE, 2003) destaca que uma das mais notáveis características dos morfemas gramaticais e das construções nas quais eles ocorrem é sua frequência extremamente alta, quando comparados com morfemas lexicais típicos. Esse incremento resulta de um aumento no número (frequência *token*) e tipos de contextos (frequência *type*) nos quais esses morfemas gramaticais são adequados. Assim, segundo Bybee, frequência não é apenas um resultado da gramaticalização; é também um colaborador primário para o processo de gramaticalização, uma força ativa instigando as mudanças que ocorrem (BYBEE, 2003, p. 602).

Quanto ao papel da frequência no processo de mudança linguística do *daí que*, identificamos o seguinte: No que se refere à articulação do pronome locativo *daí* com a conjunção integrante *que*, encontramos dois casos de frequência *type*: um para o contexto atípico e outro para o contexto crítico, no paradigma das estruturas oracionais complexas. Em relação ao *daí que* já construcionalizado como conector, encontramos uma ocorrência de *type*, correspondente ao seu uso em contexto de isolamento, no paradigma das locuções conjuntivas.

Finalmente, mas não menos importante neste arcabouço teórico, para o tratamento dos três contextos potencialmente propiciadores da construcionalização do *daí que*, a proposta de Diewald (2006) mostra-se altamente produtiva. A autora sugere um modelo integrador dos aspectos semânticos, morfológicos e estruturais na definição dos vários tipos de contextos presentes no processo de gramaticalização, numa perspectiva diacrônica. São três os estágios que participam do surgimento das funções gramaticais (DIEWALD, 2006, p. 4):

Estágio	Contexto	Significado/Função
I- pré-condições de gramaticalização	atípico	implicaturas conversacionais
II- gatilho para a gramaticalização	crítico	opacidade múltipla
III- reorganização e diferenciação	isolamento	polissêmico/heterossêmico

Quadro I: Tipos de contextos em gramaticalização como construções

Fonte: Diewald (2006)

4 CONSTRUCIONALIZAÇÃO DO CONECTOR *DAÍ QUE* NA EXPRESSÃO DE RESULTADO

Em linhas gerais, considerando-se o que até aqui foi apresentado, os casos como os exemplificados em (2) e (4) enquadram-se no primeiro estágio, o **atípico**. No que diz respeito apenas aos elementos constituintes do conector *daí que*, cada um ainda guarda suas propriedades gramaticais. Segundo o pressuposto de Diewald (2006, p. 4), nesse primeiro estágio, não há ainda ambiguidades ou opacidades no uso dos elementos constituintes que permitam confusão com o futuro conector *daí que*; todavia, já se percebem pressões contextuais, uma vez que são contextos em que predominam sequências tipológicas argumentativas, e uso de expressões verbais metaforizadas, de valor semântico relacionado ao domínio cognitivo, denotando subjetividades.

Por sua vez, casos como os exemplificados em (3) e (5) são contextos **críticos** para o surgimento da expressão *daí que* como articuladora de conclusão. Em todas essas instanciações, é possível perceber que, embora os elementos constituintes do conector *daí que* ainda mantenham suas propriedades sintático-semânticas, a movimentação do “de aí”/“daí” para o lado do “que” é indicativo de que pressões de informatividade e inferências sugeridas (TRAUGOTT; DASHER, 2005) começam a atuar de forma mais contundente, em face de um contexto em que predominam ações cognitivas, por meio das quais se expressam conclusões e deduções. Essa movimentação é indicativa de que essas pressões levam ao estabelecimento de novas fronteiras entre os elementos

que implicam tratamentos distintos tanto estruturalmente quanto semântico-pragmaticamente. Esse ambiente linguístico gera ambiguidades e, metonimicamente, permite leituras cada vez mais metafóricas para os constituintes do conector *dai que*.

Finalmente, retornando ao exemplo (1), observa-se que este se insere no terceiro estágio, conforme apresentado no quadro anterior: o contexto de **isolamento**, em que é reconhecido o uso inovador do *dai que* como conector lógico-argumentativo. Nesse contexto não se percebe mais a composicionalidade dos elementos constituintes, mas, sim, mudança de fronteiras entre eles, expansão sintática e semântico-pragmática, confirmando o que preconizam Traugott e König (1991) e Heine (2003) sobre a importância dos ambientes pragmáticos e semânticos para a mudança morfossintática. Nesse estágio, portanto, consolida-se um novo signo linguístico de valor conclusivo, uma construcionalização.

Para viabilizar metodologicamente a composição do *corpus*, foram consultados *corpora* eletrônicos online: Corpus do Português, Tycho Brahe, Brasiliana e Domínio Público. Em seguida, verificou-se se havia articulação da expressão “*dai*” com o “*que*” conjunção integrante em estruturas oracionais complexas. Por fim, foi feito o reconhecimento dos contextos como sendo atípicos, críticos ou de isolamento.

A tabela a seguir apresenta o total dos três tipos de contexto, século a século:

Séculos	Estruturas oracionais complexas		Conector <i>dai que</i>	Total
	Contexto atípico	Contexto crítico	Contexto de isolamento	
Século XVII	18	2	–	20 (4,5%)
Século XVIII	17	4	–	21 (4,7%)
Século XIX	56	14	–	70 (15,8%)
Séculos XX-XXI	101	49	179	329 (75,0%)
Total	192 (43,6%)	69 (15,7%)	179 (40,7%)	440 (100,0%)

Tabela 1: Ocorrências em contextos atípico, crítico e de isolamento e respectivas frequências totais por tipo de contexto e século

Fonte: Arena (2015)

Em análise ainda preliminar, os números permitem duas observações. A primeira é que os três contextos coexistem em mesmas sincronias, o que, segundo Traugott (comunicação pessoal, 2012), é possível, já que um contexto não precisa necessariamente desaparecer para que outro surja. Ao contrário, é natural que esses contextos coexistam na medida em que existam usos distintos desses elementos em situações comunicativas distintas. A segunda é que parece se confirmar o pressuposto de Diewald (2006, p. 3) de que o contexto crítico tem curta duração. Na análise numérica, verifica-se que, em todas as sincronias, os percentuais encontrados até o presente momento são menores do que aqueles verificados para o contexto atípico. Uma explicação para esse achado pode ser o fato de que o contexto crítico, por ser o favorecedor de ambiguidade, fosse mais evitado pelo usuário. Por outro lado, também é possível considerar que esse contexto, por já estar começando a se especializar para a ação cognitiva de concluir, inferir, deduzir, apresentasse maiores restrições de uso, sendo acionado principalmente para esses usos.

Uma vez que a LFCU encampa pesquisas que deem conta da gradualidade e da gradiência dos usos linguísticos, a análise dos dados em nível pancrônico considera as duas dimensões históricas: diacrônica e sincrônica. Por considerarmos que a mudança linguística é realizada ao longo do tempo, sob a forma de micropassos que precisam ser analisados nos contextos específicos em que ela se dá, observamos que elementos procedurais da gramática como o *daí que* cumprem uma trajetória sob a forma de um *continuum* do mais lexical para o mais gramatical, do menos gramatical para o mais gramatical, ou ainda, cumprem a escala espaço > (tempo) > texto (TRAUGOTT; HEINE, 1991). Assim, tanto a escala como o *continuum*, que são pressupostos teóricos do funcionalismo linguístico clássico, apresentam-se, agora, na LFCU, em perspectiva que considera a relação entre gradiência, gradualidade e gramaticalização, conforme a perspectiva de Traugott (2010a) e de Noël (2007).

Na análise diacrônica, verificamos que, desde a forma mais composicional e concreta (aqui considerado contexto típico, encontrado no século XVI) até a forma construcionalizada como conector (no contexto de isolamento, séculos XX e XXI), *daí que* sempre emerge em contextos que pragmaticamente expressam relações de causalidade, tal como compreendida por Neves (1999, p. 475-476) e Vilela e Koch (2001, p. 500-501). Segundo os autores de ambas as obras, causalidade encerra relação de causa-consequência, podendo ser veiculada sob diversas formas estruturais, sejam elas relações lógicas, de conteúdo proposicional, no âmbito da causa-consequência, em nível mais próximo do *dictum*, sejam elas relações discursivo-argumentativas, no âmbito da dedução, inferência, mais próximas do nível do *modus*.

Nos exemplos que seguem, foram considerados desde os usos canônicos da locução “de aí”, isto é, uso típico, passando pelos usos como articulador textual em função anafórica e sintaticamente como argumento do verbo, até seu uso como conector lógico-argumentativo.

locativo + conjunção: contexto típico

(de hi)...(que) > (de aí)...(que) > (daí)...(que) > ...(daí) (que) > (daí que)
 ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓
 locat. conj. anaf. arg. conj. anaf. arg. conj. anaf. arg. conj. con. concl.

(6) E como assi visse as dictas meninas e donzellas e com ellas se quisesse ajuntar, por que com ellas merecesse a semelhante coroa de flores e rosas, o anjo com grande impeto a expunando lhe disse: - Vai te **de hi que** nom hes christaa. E ouvindo a dicta donzella esta tam espantosa palavra, torvada e espantada se apartou. (*Flos sanctorum* - Flores de direito, autor desconhecido, 1513, século XVI)

anafórico argumental + conjunção: contexto atípico

Exemplo a:

(de hi)...(que) > (**de aí**)...(que) > (daí)...(que) > ...(daí) (que) > (daí que)
 ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓
 locat. conj. anaf. arg. conj. anaf. arg. conj. anaf. arg. conj. con. concl.

(7) Que então seria ella bem governada, quando os Reys filosofassem, ou reynassem os filosofos. Dizem: Que de ordinario os homens de superior juizo, querem dar ao Regimento popular aquella perfeição, que elles alcanção, mas não cabe nelle; e **de ahí** vê, **que** corrompido o vulgo pella opressão de varias, e grandes disciplinas, então se desenfrea, e precipita a mayores abusos; como succede ao potro indômto, se a hum mesmo tempo for obrigado á ley do freyo, e estímulo das esporas. (*Epanaphora politica primeira*. Francisco Manuel de Melo, 1637, século XVII)

Exemplo b:

(de hi)...(que) > (de aí)...(que) > (**daí**)...(que) > ...(daí) (que) > (daí que)
 ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓
 locat. conj. anaf. arg. conj. anaf. arg. conj. anaf. arg. conj. con. concl.

(8) Tudo tem fim, e esta história também o tem. Vossa Excelência se dignou de a querer ouvir, e agora se indignará de a ver mal contada. **Daí** se seguirá **que** tirarei tão boas certidões das histórias como dos contos, e que não só morrerei praticante, porém riscado do número dos bons escrivães. (*Cartas*. Cavaleiro de Oliveira, 1756, século XVIII)

anafórico argumental + conjunção: contexto crítico

(de hi)...(que) > (de aí)...(que) > (daí)...(que) > ...(daí) (que) > (daí que)
 ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓
 locat. conj. anaf. arg. conj. anaf. arg. conj. anaf. arg. conj. con. concl.

(9) (...) Isabel, a Redentora; (...) exortávamo-la a perseverar nesse sistema de governar, porque enquanto houvesse honra e sangue abolicionistas o seu trono seria sagrado. Inferir-se **daí que** eu tentei fechar todas as válvulas da democracia brasileira, que dei o futuro da pátria em hipoteca ao 13 de maio, sem levar em linha de conta o complemento necessário da nova era nacional, é forçar a lógica para tirar uma conclusão arbitrária. (*A Campanha Abolicionista*. José do Patrocínio, sem data, séc. XIX)

conector lógico-argumentativo: contexto de isolamento

(de hi)...(que) > (de aí)...(que) > (daí)...(que) > ...(daí) (que) > (daí que)
 ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓ ↓
 locat. conj. anaf. arg. conj. anaf. arg. conj. anaf. arg. conj. con. concl.

(10) Entendemos que a educação passa pela formação dos processos que interferem na existência do cidadão enquanto ser social e político, **daí que** o interesse em dar continuidade ao trabalho intelectual, ao aprimoramento pessoal foram as razões que nos conduziram ao doutorado em educação, por considerá-lo o *locus* privilegiado para questionamentos acerca de saberes profissionais. (Tese de doutorado. Maria Solange Pereira, 2001)

Tanto a gradualidade da mudança em estruturas oracionais quanto as relações de causalidade contextuais podem ser flagradas ao se acompanhar a rota de construcionalização do *daí que*. Considerando-se as sincronias exemplificadas, pode-se verificar que todos os usos ocorrem em contextos nos quais a relação de causa-consequência se destaca, de forma mais ou menos estrita. Analisamos brevemente os exemplos (6) e (8) a fim de comprovarmos o que aqui postulamos. Em seguida, partimos para uma análise mais detalhada do *daí que*, agora já construcionalizado como conector, em contexto de isolamento, na sincronia contemporânea.

Em (6), por exemplo, ainda que não se trate de relação de causa e consequência estrita, é possível identificarmos um contexto de causalidade, em que *nom hes christaa* expressa uma justificativa para a ordem *Vai te de hi*, sendo a saída do templo (representado pelo locativo dêitico *hi*) o resultado esperado e alcançado pelo enunciador: *a dicta donzella esta tam espantosa palavra, torvada e espantada se apartou*. Vemos, portanto, que, mesmo um contexto típico, em que os elementos são os mais composicionais, concretos e icônicos possíveis, já se anunciava como favorecedor do que passamos a encontrar nos contextos atípico e crítico.

Por sua vez, em (8), “daí” e “que” já estão mais metaforizados e se apresentam numa estrutura oracional complexa, cada um introduzindo uma oração: **Daí** se seguirá / **que** tirarei tão boas certidões das histórias como dos contos. Neste contexto, os usos do anafórico argumental e da conjunção integrante articulam duas orações que codificam um movimento argumentativo orientado para uma conclusão (*tirarei tão boas certidões...*). O uso de *Daí* e *seguirá* confirmam os traços mais prototípicos das relações de causalidade: anterioridade e sucessividade. A proposição anterior é resgatada pelo *daí* anafórico e a sucessão, isto é a conclusão, é anunciada cataforicamente pela forma verbal *seguirá*.

Quanto ao uso como conector, observamos que *daí que* apresenta ambiguidade pragmática, conforme Traugott e Trousdale (2013, p. 200). Os autores ancoram-se em estudo de Sweetser (1990), para quem ocorre ambiguidade pragmática quando o termo se refere a um só valor semântico aplicado pragmaticamente de diferentes formas, de acordo com o contexto. Trata-se de noção bastante importante em trabalhos sobre mudança linguística.

No caso do *daí que*, identificamos o valor semântico de resultado, e a sua ambiguidade pragmática se dá em termos da gradiência quanto ao seu grau de gramaticalidade. Avaliando os dados, foi possível verificar que o conector articula tanto eventos mais factuais, como as relações de causa e consequência, mais próximas do nível de *dictum*, quanto eventos mais abstratos, como as proposições nas relações de argumentação, presentes na inferência ou dedução, mais próximas do nível de *modus*. Há indícios, portanto, de que o conector *daí que* apresenta dois níveis de gramaticalidade:

- a) o uso com menor gramaticalidade é aquele que articula eventos mais factuais, mais icônicos, presentes nas relações de causa e consequência; neste caso atua como um conector lógico;
- b) o uso com maior gramaticalidade é o que estabelece relações argumentativas, mais abstratas; neste caso atua como conector lógico-argumentativo.

Diante do exposto, tratamos o *daí que* como um **conector lógico-argumentativo**.

Contribui para essa análise a identificação da força pragmática que as sequências tipológicas, nos termos de Marcuschi (2005, p. 19-36), exercem. Nos dois exemplos a seguir, é possível verificar que, conforme a sequência tipológica, que se configura como o contexto linguístico de cada uso, o valor de resultado expresso por *daí que* é aplicado pragmaticamente de duas formas: na expressão de consequência e na expressão de conclusão. Vale destacar que não foram observadas distinções pragmáticas relativas à posição intra, inter ou supraoracional.

a) Relação causa-consequência em sequência narrativa

(11) Na mente de dona Senhora ainda relampeja aquela remota ocasião em que foi injustamente aviltada no seu recato. **Daí que** procura se manter imóvel, de pernas retesadas. Tem de conservar a disciplina a que, de fato, nunca se acostumou. (*Cartilha do Silêncio*, Francisco J. C. Dantas, 1997, século XX)

b) Relação proposição-conclusão em sequência argumentativa

(12) O filósofo é o que ama o saber, e eis que o princípio e o fim da cadeia se unem no circuito de auto-crescimento. O amor quer, então, o saber, para iluminar-se; e este querer move a ação diletante de buscar o saber. Amor no começo, e sabedoria no fim, porque o amor é sabedoria, ou a sabedoria é amor. **Daí que**, tendo pedido Salomão um coração reto e justo, Deus lhe **promete** satisfazer o anseio, fazendo-o o mais sábio dos homens de quantos vieram antes, e viriam depois. (*Terceira jornada filosófica*. Luiz Caramaschi, s/d, século XX)

Outra importante análise para a investigação dos padrões de uso do *daí que* é a que considera a frequência *token* dos contextos em que ocorre como conector lógico-argumentativo. O quadro abaixo apresenta os dados numéricos para cada tipo de frequência, conforme as sequências tipológicas em que o conector foi empregado.

Sequências tipológicas	<i>Daí que</i>	
	Consequência	Conclusão
Argumentativa	38 (38%)	69 (86,3%)
Narrativa	42 (42%)	1 (1,2%)
Expositiva	19 (19%)	6 (7,5%)
Injuntiva	–	4 (5%)
Total por expressão	99 (100%)	80 (100%)
Total geral	179	

Tabela 2: Frequência *token* do conector *daí que* na expressão de consequência e conclusão, conforme sequências tipológicas
Fonte: Arena (2015)

De acordo com o exposto na tabela 2, quando consideramos apenas a coluna relativa à expressão de consequência, a distribuição do uso de *daí que* entre as três principais tipologias textuais apresenta diferenças numéricas, que não chegam a ser marcantes entre as tipologias argumentativa (38/99) e narrativa (42/99). Verificamos, portanto, usos menos entrincheirados do *daí que* nessas situações pragmático-discursivas. No entanto, ao considerarmos somente a coluna relativa à expressão de conclusão, a sequência argumentativa (69/80) predomina de forma absoluta sobre as outras, que apresentam índices muito baixos. Trata-se de indício claro de que o conector tende a ser mais recrutado na tipologia prototípica para a apresentação de teses e argumentos na defesa de pontos de vista, sendo possível que estejamos diante de um processo de entrincheiramento do *daí que* nessas situações sintático-semânticas e pragmático-discursivas.

Diante do que se apresenta, é possível perceber que os contextos linguísticos preferenciais de ocorrência do conector *daí que* são dois: as sequências narrativas – favorecedoras das relações mais factuais, de causa-consequência, e as sequências argumentativas – favorecedoras das relações mais abstratas, argumentativas.

Por fim, ainda considerando a tabela 2, vale destacar que há indícios de que a sequência argumentativa propicia o uso do *daí que* tanto como conector lógico quanto como operador argumentativo de conclusão, ao passo que a sequência narrativa aparentemente favorece de forma exclusiva o uso como conector lógico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do ponto de vista da LFCU, a partir do que desenvolvemos até aqui, o conector *daí que* vem, ao longo do seu processo de mudança linguística, sua construcionalização, apresentando alguns fenômenos que assumimos como micropassos da mudança, vinculados aos contextos de uso, conforme preceitua Diewald (2006):

- gradualidade: mudança em micropassos, em que os usos novos convivem com os anteriores: A > A ~ B > B = (daí)...(que) > ...(daí) (que) ~ (daí que) > (daí que)
- gradiência: usos com menor nível de gramaticalidade, como nas relações mais factuais, e usos com maior nível de gramaticalidade, como nas relações argumentativas;

- c) mais composicionalidade > menos composicionalidade semântica;
- d) fusão: cristalização e fixação de estrutura;
- e) perda de fronteira: junção e coalescência (redução de segmentos fonológicos, resultante da fusão de itens) = (de aí > daí);
- f) pareamento forma-sentido: *daí que* é um novo signo linguístico, uma microconstrução, com valor sintático-semântico conclusivo;
- g) metonimização: processo de mudança que surge no contexto, ou inferência sugerida, mediadora da transferência metafórica;
- h) metaforização: transferência unidirecional de sentidos de valores mais concretos e mais acessíveis à experiência humana (locativo) para mais abstratos ou menos acessíveis (conclusão);
- i) processos de (inter)subjetivação: consubstanciando os processos de metonimização e metaforização na sugestão de inferências e ambiguidades negociadas na interação.

Associado a esses micropassos, ficou evidente que é crucial examinar as frequências *type* e *token* (BYBEE, 2003), as quais auxiliam no reconhecimento da produtividade do *daí que* e dos padrões de uso determinantes na sua fixação como conector. Esse exame se faz necessário para verificar de que maneira e em que situações de uso, na trajetória de mudança, as alterações no grau de esquematicidade se configuram. Além disso, todo o percurso de mudança se realiza por meio do exame do comportamento dos elementos da microconstrução nos contextos, pois são eles que permitem observar aumento de esquematicidade, a partir de uma maior abstração medida por meio da diminuição das restrições de seleção desses elementos bem como diminuição de composicionalidade, a partir de uma maior opacidade entre a relação significado e significante.

Seguindo a agenda de pesquisa em torno da rede construcional Resultado_{Connect}, passaremos à formação de *corpora* diversos e amplos, acessando diferentes bancos de dados, virtuais ou não, iniciaremos pesquisa qualiquantitativa dos outros conectores que podem atuar ou estar atuando nessa construção, cotejando-os com os elementos que já estão sendo analisados, dar tratamento pancrônico a todo o conjuntos de dados de forma que, para as análises diacrônicas, somente serão considerados dados da modalidade escrita e, para as análises sincrônicas, serão considerados dados das modalidades falada e escrita.

REFERÊNCIAS

AMORIM, F. S. Considerações sobre a relação de causalidade na conexão de orações: da tradição à descrição. *Domínios De Lingu@Gem Revista Eletrônica de Linguística*, v.6, n.1, 2012. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/14802>. Acesso em: 15 jan. 2021.

ARENA, A. B. Então como nexos conclusivos nas diferentes sequências tipológicas. ~~da S.~~ *Domínios De Lingu@Gem Revista Eletrônica de Linguística*, v. 1, n. 2, 2007. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11441>. Acesso em: 15 jan. 2021.

ARENA, A. B.; OLIVEIRA, M. R. de. O conector lógico-argumentativo “daí que” no português contemporâneo. In: MATOS, D. P. (org.). *Usos linguísticos: descrição e análise*. João Pessoa: Editora UFPB, 2019, p. 97-112.

ARENA, A. B. 2015. Construcionalização do conector *daí que* em perspectiva funcional centrada no uso. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem). Niterói: UFF.

BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. (ed.). *A handbook of historical linguistics*. London: Blackwell, 2003. p. 602-623.

BRAGA, M. L.; PAIVA, M. C. Multifuncionalidade categorial e funcional da proforma *aí*. In: BRAGA, M. L.; PAIVA, M. C. *Funcionalismo linguístico: análise e descrição*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 53-65.

BRAGA, M. L. *Language, usage and cognition*. New York: Cambridge University Press, 2010.

- CROFT, W. *Radical construction grammar. Syntactic theory in typological perspective*. New York: Oxford University Press, 2001.
- DIEWALD, G. Context types in grammaticalization as constructions. *Constructions*, SV, p. 1-9, 2006.
- FURTADO DA CUNHA, M. A. A linguística centrada no uso (ou linguística cognitivo-funciona). In: SOUZA, M. et al. (org.). *Sintaxe em foco*. Recife: PPGL/UFPE, 2012. p. 29-49.
- HOPPER, P. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (org.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 17-35.
- KOCH, I. G. V. Dificuldades na leitura/produção de textos: os conectores interfrásticos. In: CLEMENTE, E. (org.). *Linguística aplicada ao ensino de português*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992. p. 83-98.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 19-36.
- MARTELOTTA, M. E.; SILVA, L. R. Gramaticalização do *então*. In: MARTELOTTA, M. E. et al. (org.) *Gramaticalização no Português do Brasil – uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, UFRJ, 1996. p. 221-235.
- NEVES, M. H. M. As construções causais. In: NEVES, M. H. M. *Gramática do Português Falado*, vol. VII. Campinas: Editora da Unicamp, 1999. p. 461-496.
- NOËL, D. Diachronic construction grammar and grammaticalization theory. *Functions of Language*, v.14, n.2, p. 177-202, 2007.
- OLIVEIRA, M. R. de; ARENA, A. B. Motivação discursiva no uso de conectivos e na articulação de cláusulas do português. In: RODRIGUES, V. V. (org.). *Gramaticalização, combinação de cláusulas, conectores*. Rio de Janeiro, UFRJ, 2013. p. 77-100.
- OLIVEIRA, M. R. de. Análise funcional de conectivos em português: da abordagem clássica à construcional. *Revista de Letras* Vol.38(2) 2019, p. 118-128.
- SANTOS, E. C. M dos. Um enfoque funcional para a integração das cláusulas consecutivas. In: RODRIGUES, V. V. (org.). *Articulação de orações: pesquisa e ensino*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017. p. 165-184.
- SOUZA, E. R. Um estudo discursivo-funcional de *assim, já e aí* no português falado do noroeste paulista. In: SOUZA, E. R. *Funcionalismo linguístico: análise e descrição*. São Paulo: Contexto, 2012. p.67-92.
- SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- TRAUGOTT, E. C. *Toward a coherent account of Grammatical Construcionalization*. Draft for a volume on historical construction grammar edited by Elena Smirnova, Jóhanna Barðdal, Spike Gildea, and Lotte Sommerer. March 2nd, 2012.
- TRAUGOTT, E. C. Gradience, gradualness and grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. (ed.). *Typological Studies in Language*, 90. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company: 2010a. p. 19-44.

TRAUGOTT, E. C. Revisiting subjectification and intersubjectification. In: CUYCKENS H. *et al.* (ed.). *Subjectification, Intersubjectification and Grammaticalization. Topics in English Linguistics*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2010b. p. 29-70.

TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: suggestions from the development of Degree Modifiers in English. In: REGINE, E. *et al.* (org.). *Variation, selection, development probing the evolutionary model of language change*. New York: Mouton de Gruyter, 2008a. p. 219-252.

TRAUGOTT, E. C. The status of onset contexts in analysis of micro-changes. Draft version, 2008b. In: KYTÖ, M. (ed.). *English Corpus Linguistics: Crossing Paths*, 2008b. p. 221-255.

TRAUGOTT, E. C. Constructions in grammaticalization. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. (ed.). *A Handbook of Historical Linguistics*. London: Blackwell, 2003. p. 624-647.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. *Regularity in Semantic Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

TRAUGOTT, E. C.; KÖNIG, E. The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (ed.). *Approaches to Grammaticalization*. Vol. 1, Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1991. p. 189-218.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TROUSDALE, G. Constructions in grammaticalization and lexicalization: evidence from the history of a composite predicate construction in English. In: TROUSDALE, G.; GISBORNE, N. (org.). *Constructional Approaches to English Grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008a. p. 33-67.

VILELA, M.; KOCH, I. G. V. *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 2001.



Recebido em 15/01/2020. Aceito em 08/03/2020.